

O cuidado em saúde da pessoa idosa na atenção primária à saúde: um comparativo entre diversos sistemas de saúde

Júlia Faria Reis¹; Davi Mamede¹; Fábio Fernandes Rodrigues², Julia Maria Rodrigues de Oliveira², Sandra Cristina Guimarães Bahia Reis², Carla Guimarães Alves²

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás UniEVANGÉLICA.

2. Docente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás UniEVANGÉLICA.

RESUMO: Atualmente, as mudanças no perfil demográfico nacional vêm expondo a população brasileira a novas necessidades. Com o maior número de pessoas idosas, o sistema de saúde precisa planejar a porta de entrada para ofertar ações de promoção do cuidado, o que se manifesta a partir da atenção primária. Desse modo, o presente artigo tem por objetivo analisar o cuidado com a pessoa idosa na atenção primária à saúde. Foi realizada uma mini revisão de literatura, com base em onze artigos datados entre 2014 a 2021 e selecionados a partir das bases de dados do PubMed e Scielo. É destacável que o envelhecimento intensificou muitas tendências populacionais que já vinham sendo observadas em outros países, como maior necessidade de atenção a essa população específica e prevenção de determinadas doenças, em especial, as crônicas, além das ações de caráter assistencial, a fim de buscar garantir melhor qualidade da prestação de serviços na Atenção Primária. Nesse sentido, para um enfrentamento satisfatório desses novos tempos, se fazem necessários investimentos governamentais em políticas públicas e na Estratégia Saúde da Família com intuito de promoção da saúde de pessoas acima de sessenta anos na atenção primária.

Palavras-chave: Saúde do Idoso, Atenção Primária À Saúde e Atenção à Saúde.

INTRODUÇÃO

O aumento da expectativa de vida gerou uma mudança na pirâmide etária brasileira, o que implicou em maior crescimento populacional de indivíduos idosos no país. Ao mesmo tempo em que isso representa o resultado de um maior desenvolvimento da medicina, ciência e tecnologia, por outro lado, também significa a necessidade especial de cuidado com essa população, visto que, o envelhecimento traz consigo maior prevalência de diversas doenças e deficiências na saúde (SOUZA et

al., 2017). Portanto, não basta comemorar as vitórias do mundo contemporâneo, deve-se, além disso, preparar-se para lidar com as consequências trazidas por essa evolução.

Nesse sentido, é indispensável colocar em pauta o acolhimento da pessoa idosa na Atenção Primária à Saúde (APS), visto que esta funciona como porta de entrada para o sistema de saúde. Os serviços da APS são mais eficazes, adequados e com maior qualidade para promover a saúde e prevenir enfermidades, além de serem construídos de acordo com as necessidades da população de determinadas áreas. É importante, também, aumentar as pesquisas nacionais com foco nessa população, como já acontece em outros países forma da América do Sul (GUERRA et al., 2017).

O estudo realizado no Brasil por Bueno et al. (2021) observou que modificações anatômicas e fisiológicas no organismo, que podem ser progressivas, repercutem na saúde e nutrição com a senilidade. Assim, a prestação de serviços, a essas pessoas exige alto número de consultas, lida com a falta de compartilhamento de informações entre profissionais e demanda receituários de uma alta gama de fármacos e procedimentos em diferentes especialidades. Porém, essa abordagem deve ser multidisciplinar, multidimensional, flexível e levar em conta o ambiente em que o paciente se insere, até porque, muitos deles encontram-se em situação de vulnerabilidade.

Assim, nos países em desenvolvimento – como o Brasil -, o envelhecimento populacional é considerado um desafio ainda maior, visto que a pobreza e desigualdade também têm relevância. Nesse meio, a Estratégia Saúde da Família busca reorganizar o modelo tradicional, a fim de integrar uma rede mais ampliada de serviços que atendam a essa parcela populacional. Precisa-se, para concluir essa meta, de profissionais bem capacitados e integrados (SOUZA et al., 2017).

Nesse contexto, as unidades assistenciais, especialmente da APS, devem promover o atendimento às necessidades da população após sessenta anos de maneira efetiva, garantindo a autonomia e qualidade de vida, minimizando a dependência de terceiros para a prestação de cuidados essenciais (BUENO et al., 2021). Sendo assim, o presente artigo tem por objetivo avaliar o cuidado em saúde do paciente idoso no sistema primário de atenção à saúde.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma mini revisão de literatura, que foi embasada em onze artigos. Foram incluídos artigos científicos completos e disponíveis gratuitamente, publicados no período de 2014 a 2021, que estabeleceram relação com o objetivo proposto. Foram excluídos os artigos publicados em língua estrangeira. A busca dos estudos foi realizada utilizando os bancos de dados: A plataforma Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline/PubMed) e na biblioteca Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Para a estratégia de busca, foram utilizados os seguintes

descritores, encontrados por meio dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Saúde do Idoso, Atenção Primária à Saúde e Atenção à Saúde.

RESULTADOS

Foram analisados 11 artigos originais para composição dos resultados, sendo escolhidos os trabalhos que se enquadravam no tema proposto, publicados entre os anos de 2014 a 2021 nas bases de dados já mencionadas.

Primeiramente, no que diz respeito à vulnerabilidade que esses pacientes se encontram, foi observado apoio deficiente por parte do núcleo familiar em muitos casos, o que pode gerar certa dependência dos profissionais da APS. Isso ocorre de modo que, algumas vezes, o atendimento vai além do mero serviço médico, pois, o indivíduo pode procurar a equipe de saúde para buscar diálogo e carinho, por vezes negligenciados pela família e também em outros núcleos sociais (CABRAL et al., 2019).

Em relação aos estudos voltados para a atenção do idoso na APS, os aspectos principais avaliados foram: a prevalência dos agravos e exames, qualidade de vida em instituições e na comunidade, transtornos psicossociais e mentais, as quedas e o equilíbrio, a participação dessas pessoas no seu tratamento de modo ativo, os profissionais clínicos gerais responsáveis pelo cuidado, a adesão ao tratamento e a transição demográfica. Os artigos analisados apontam para a falta de priorização do cuidado em saúde da população idosa e a necessidade de avaliação do impacto do processo de envelhecimento, com ênfase na reorganização da oferta de produtos e serviços de saúde (WINGERTER et al., 2021).

Outro fator levantado, foi em relação a promoção do lazer e disseminação de informações sobre assuntos que possam agregar saberes aos idosos. Isso pode ser efetuado de forma simples, em espaços que fazem parte do ambiente da saúde, como por exemplo, nas salas de espera. Esse local pode constituir um espaço de diálogo, onde é interessante formar grupos de apoio, com exposição de um tema recém escolhido e abertura para um momento de diálogo e esclarecimento de dúvidas. Isto é, mediante a atuação de uma equipe preparada, não é difícil promover encontro favoráveis a troca de experiência e saberes entre os participantes (CABRAL et al., 2019).

Ainda, é importante levar em conta que os idosos são principalmente atingidos pelas doenças crônicas, que não têm cura, mas que exigem certos cuidados especiais. Assim, volta-se à tentativa de manter uma boa qualidade de vida para essas pessoas, mesmo com a enfermidade presente perpetuamente. Nesse contexto, o Estado oferece uma atenção simplória e não consegue suprir necessidades complexas, gerando grande sobrecarga aos familiares e responsáveis pela prestação de cuidados individuais (SANTOS et al., 2021).

DISCUSSÃO

A vulnerabilidade do idoso, a sobrecarga dos familiares e rede de cuidados e consequente dependência das equipes de saúde foi apontado também por Souza et al. (2020), demonstrando que o olhar a ser voltado para a saúde deve ser amplo, combinado de transdisciplinaridade e intersetorialidade. Ainda nesse contexto, o crescimento da ESF demandou a qualificação da atenção básica, com promoção de estratégias permanentes, agilidade e maior eficácia dos atendimentos, com vínculos entre usuários e profissionais. Para que o paciente promova o autocuidado, os profissionais devem pensar em atividades de prevenção, com estímulo à prática de exercícios físicos, que, além disso, causam melhora no convívio social.

O impacto da transição demográfica e epidemiológica, com foco na população idosa foi evidenciado nos resultados dos artigos pesquisados, corroborando com os achados de Medeiros (2017), que descreve o Brasil como um país em desenvolvimento e no qual a sua população convive com o incremento da prevalência das doenças crônicas, mas também com enfermidades infectocontagiosas e parasitárias, combinadas aos acidentes e à violência. Assim, se constrói um complexo quadro no grande território nacional. Para tal, é necessário prover uma abordagem ampliada de cada um desses pacientes e buscar a centralização do cuidado no sujeito e não na doença, até porque não é raro que eles apresentem associação de comorbidades e maior dificuldade de convergência entre diferentes especialistas, com vistas a integralidade da atenção e redução das práticas iatrogênicas.

Pelo fato de essa população crescer cada vez mais, como já foi comentado, seria de extrema importância aprofundar as pesquisas sobre o assunto. No entanto, essa temática começou a ser valorizada em 1999, no Ano Internacional dos Idosos, proclamado pela Organização das Nações Unidas (ONU), e desde 2005, vêm observando-se um impulso no tema, porém, o número de publicações não ultrapassa a marca de 70 por ano. Além disso, o Brasil deixa a desejar, visto que os países europeus foram os que mais desenvolveram-se nessa área, ao mesmo tempo que as demais nações latino-americanas não apareceram na lista de publicações (WINGERTER et al., 2021). Assim, a ONU demonstra grande influência no que tange a geração de impulso das pesquisas nessa área e deve promover meios de priorizar esse assunto em todo o mundo.

A negligência do cuidado em saúde da população idosa prestado nos serviços de saúde, foi também apontada em outras pesquisas. Diante do exposto, é importante garantir a qualidade da Atenção Primária, onde alguns tópicos devem ser priorizados no atendimento, dentre eles: o primeiro contato, integralidade, longitudinalidade e coordenação da atenção. Denota-se que os idosos ao serem questionados a respeito do atendimento recebido, este foi considerado de moderada qualidade, principalmente no que se relaciona ao horário de funcionamento das UBS, profilaxia de comorbidades e foco no núcleo familiar (ARAÚJO, 2014). Mulheres, com idade mais avançada, reduzido nível de

escolaridade e renda e maior morbidade foram as mais insatisfeitas, o que gerou uma opinião negativa duas vezes maior que a da população geral (LINDEMANN, 2019).

Em relação a prescrição exacerbada de fármacos, muitas vezes, os idosos precisam recorrer às drogarias privadas devido a ausência de medicamentos disponíveis nas farmácias do Sistema Único de Saúde. Isso impacta diretamente nas despesas financeiras daquela pessoa, mas também favorece o abandono do tratamento e suas consequências, como aparecimento de comorbidades e agravamento do estado da doença. Ainda pode ocorrer a prescrição de medicamentos para a mesma finalidade mais de uma vez devido ao contato de um paciente com diferentes especialidades. Eles também sofrem com o baixo número de pesquisas sobre a segurança de medicamentos para as faixas etárias mais avançadas, o que acarreta preocupações relacionadas ao consumo de muitos medicamentos ao mesmo tempo, utilizados para o tratamento de inúmeras enfermidades que acometem os idosos (FARIAS, 2021).

Além disso, nessa fase da vida muito importa observar e intervir sobre a redução da capacidade funcional. Esta, por sua vez, é construída desde a infância e juventude de cada um, visto que sofre influência do nível socioeconômico, das doenças crônicas, das atividades físicas, do álcool e do tabagismo, da obesidade e da insatisfação pessoal. Com isso, aumenta-se o aparecimento de comorbidades, da dependência, dos problemas físicos, do isolamento social e das internações. Por isso, é necessário trabalhar nessa questão ao longo da vida, para evitar incômodos na melhor idade (CABRAL et al., 2021).

No que se refere a necessidade de incremento das ações de educação em saúde, especialmente nos serviços de APS, existe a chamada Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa (CSPI). Esta corrobora ao gerar informações que ajudam na melhoria do atendimento, desde que o paciente a atualize periodicamente nas consultas. Assim, por unir fatos diversos sobre aquela pessoa, indica situações de cautela para fragilidades e profilaxia de doenças, além de facilitar o diálogo entre o próprio idoso, diferentes profissionais e seus cuidadores. O problema é que nem sempre são preenchidos adequadamente todos os campos e os idosos deixam de levar seu Caderno em muitas consultas. Portanto, cabe aos profissionais estimularem o uso da Caderneta, ampliar o conhecimento de suas potencialidades e a importância do preenchimento correto e completo de todos os campos inseridos no instrumento (RAMOS; OSÓRIO; NETO SINÉSIO, 2019).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, fica evidente que é necessário que o sistema primário de saúde se prepare para o atendimento em massa das pessoas com mais de sessenta anos de idade, para minimizar o

impacto da transição demográfica nesse cenário, a fim de garantir a saúde e, portanto, a qualidade de vida desse grupo etário.

Dessa forma, deve-se buscar capacitar profissionais para ofertarem ações de cuidado integral ao idoso e estimularem a promoção da saúde ao longo da vida, a fim de evitar problemas comuns na “melhor idade”. Isso pode ser feito com a combinação entre o uso da Caderneta do Idoso, desenvolvimento de atividades físicas e lazer e compartilhamento de informações, por meio de atividades de educação em saúde. Dessa forma, o sistema será melhor integrado para lidar com as mudanças na população brasileira e suas consequências, já na atenção primária.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, L. U. A, et al. Avaliação da Qualidade da Atenção Primária à Saúde sob a Perspectiva do Idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 8, p. 3521-3532, 2014.

CABRAL, R., et al. O cuidado da pessoa idosa na atenção primária à saúde sob a ótica dos profissionais de saúde. **Ciência, Cuidado E Saúde**, v. 18, n. 2, 2019.

CABRAL, J. F., et al. Vulnerabilidade e Declínio Funcional em pessoas idosas da Atenção Primária à Saúde: estudo longitudinal. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 24, n. 1, 2021.

CASTRO, A. P. R. et al. Promoção da Saúde da Pessoa Idosa: Ações Realizadas na Atenção Primária à Saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 2018.

FARIAS, A. D., et al. Prescrição de Medicamentos Potencialmente Inapropriados Para Idosos: Um Estudo na Atenção Primária à Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 5, p. 1781-1791, 2021.

LINDEMANN, I., L., et al. Autopercepção da Saúde Entre Adultos e Idosos Usuários da Atenção Básica de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 1, p. 45-52, 2019.

MEDEIROS, K. K. A. S. et al. O Desafio da Integralidade no Cuidado ao Idoso, no Âmbito da Atenção Primária à Saúde. **Saúde Debate**, v. 41, n. 3, p 288-295, 2017.

RAMOS, L. V.; OSÓRIO, N. B; NETO SINÉSIO, L. Caderneta de Saúde da Pessoa Idosa na Atenção Primária: Uma Revisão Integrativa. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 2, 2019.

SANTOS, E. B., et al. Cuidado à Pessoa Idosa na Atenção Primária em Saúde: Uma Revisão de Literatura. **Salão do Conhecimento**, 2021.

SOUZA A. M., et al. Avaliação da Assistência à Pessoa Idosa na Atenção Primária à Saúde: Perspectiva de Usuários. **Revista Ciência Plur.**, v. 3, n. 2, p. 42-52, 2017.

WINGERTER D.G., et al. A Pessoa Idosa na Atenção Primária à Saúde: um Estudo Bibliométrico da Produção Científica Internacional. **Revista Brasileira de Medicina Família e Comunidade**, v. 16, n. 43, p. 2452, 2021.